



NÃO HOUE DITADURA? DISCURSO NEGACIONISTA NAS MÍDIAS DIGITAIS SOBRE O GOLPE DE 64

Cícera Kaylane Oliveira Barros¹
Clarissa Benjamim de Queiroz²
Sônia Maria de Meneses Silva³

Resumo: Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa de Iniciação Científica “Histórias paralelas, caminhos reacionários: As versões da história costuradas pela extrema-direita no Brasil (2004 a 2024)”, vinculado ao LAPEHC (Laboratório de Pesquisa em História Cultural) da Urca. A princípio, essa pesquisa investiga como narrativas de extrema-direita têm tensionado o campo da memória histórica ao disseminar versões negacionistas sobre o golpe militar de 1964. Desse modo, as análises partem da atuação de criadores de conteúdo conservadores nas redes digitais, sobretudo o instagram, e como eles operam como agentes do negacionismo histórico em relação ao golpe de 1964 e à ditadura civil-militar brasileira. Portanto, ao evidenciar as estratégias de esquecimento e negação no ambiente digital, este trabalho tem por objetivo a divulgação de uma abordagem crítica e informada da história e uma reflexão sobre o papel das redes sociais na produção e disseminação de narrativas negacionistas sobre a história recente do país e como estas impactam nossa atual conjuntura social e política.

Palavras-chave: Negacionismo. Ditadura Militar. Mídias Digitais. Conservadorismo.

1. INTRODUÇÃO

¹ Cícera Kaylane Oliveira Barros, Universidade Regional do Cariri, Curso de História, E-mail: kaylane.barros@urca.br

² Clarissa Benjamim de Queiroz, Universidade Regional do Cariri, Curso de história, E-mail: clarissa.benjamim@urca.br

³ Sônia Maria de Meneses Silva, Universidade Regional do Cariri, Curso de História, E-mail: sonia.meneses@urca.br

A Ditadura Militar brasileira (1964–1985) se constituiu como um dos períodos mais autoritários e traumáticos da história do país caracterizado por graves violações aos direitos humanos, como torturas, assassinatos, censura e desaparecimentos forçados. As marcas deixadas por esse regime geraram disputas profundas no campo da memória coletiva, abrindo espaço para narrativas negacionistas e revisionistas que buscam minimizar ou negar os crimes cometidos pelos agentes do Estado à época.

Desse modo, surgem discursos negacionista que atacam os acontecimentos ocorridos em 64 desrespeitando a memória das vítimas e de seus familiares, fragilizando a história do país a partir da produção de esquecimento sobre o episódio. . No campo das mídias sociais, esses discursos ganham força e se disseminam com mais facilidade. Como destaca Patrícia Valim, Alexandre Avelar e Berber Bevernage (2021, p. 15), “o negacionismo histórico pode ser pensado como um mosaico de falas, práticas e representações mobilizadas com o objetivo de legitimar certas leituras dos nossos passados sensíveis – sobretudo de suas violências, seus extermínios e dominação dos mais vulneráveis”

Este trabalho parte da constatação de que o ambiente digital se tornou um dos principais palcos da disputa por memórias e interpretações do passado, especialmente no contexto político do Brasil após o ano de 2018, marcado pelo avanço da extrema-direita e grande influência das mídias digitais no campo político-social. Visto que, a produção de conteúdos pela extrema-direita influenciou grande parte da população em relação às suas escolhas políticas.

Sobre isso, Pereira e Araújo (2021) apontam: “Como as estruturas sindicais são, geralmente, corporativamente congeladas, as lideranças podem recusar tudo aquilo que o atualizado considera o seu oxigênio: as redes sociais.” Nesse espaço, diversas narrativas negacionistas têm sido propagadas por produtores de conteúdo conservadores que buscam reabilitar a imagem da ditadura militar, minimizando ou negando suas violações aos direitos humanos. A partir dessa problemática, o trabalho tem como objetivo investigar os discursos negacionistas que circulam nas redes sociais digitais, analisando tanto as estratégias de linguagem e representação quanto os sujeitos que atuam como operadores do negacionismo histórico.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia é qualitativa, baseada na análise do discurso e na etnografia digital, com levantamento de dados em perfis, vídeos, postagens e comentários em plataformas como YouTube, Instagram e Facebook. A pesquisa está vinculada ao projeto de Iniciação Científica “Histórias paralelas, caminhos reacionários: as versões da história costuradas pela extrema-direita no Brasil (2004–2024)”, desenvolvido no LAPEHC/URCA, e pretende contribuir para o entendimento crítico da produção histórica em tempos de desinformação e crise democrática.

O estudo está inserido no campo da História Cultural e dos estudos sobre memória, e tem como referencial teórico as reflexões de Sônia Meneses (2012) sobre políticas da memória; e de Mateus Pereira e Valdei Araujo (2020), que analisam o atualismo e a atuação das direitas digitais. Também são mobilizadas as contribuições de Danilo Silva (2020), que discute o negacionismo como estratégia discursiva articulada à extrema-direita global.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A pesquisa hoje se encontra em sua reta final e os resultados obtidos ao longo do projeto mostram diferenças significativas na problematização da ação desses influenciadores negacionistas na esfera digital, sobretudo, em discursos que amenizam e negam acontecimentos da ditadura militar brasileira, tais como torturas e desaparecimentos. Nota-se, então, que foi possível por meio do mapeamento e sistematização do que essas pessoas produzem, construir uma análise aprofundada sobre como elas constroem, através de suas redes sociais, todo um ecossistema de negação que acaba por fomentar representações históricas deturpadas e negligentes.

Ao analisar quatorze perfis de cunho conservador e/ou reacionário, ficou evidente como as práticas de amenização e negação de fatos históricos têm se popularizado no meio digital, moldando a percepção pública e a memória coletiva sobre estes e influenciando a atual conjuntura política e social do país. O trabalho de identificação desses perfis não foi responsável apenas pela sistematização de

informações, mas foi também facilitador de um estudo das narrativas que circulam no ambiente virtual, colaborando para com a estruturação de debates embasados.

Em suma, o projeto ampliou o entendimento sobre a disseminação de discursos distorcidos acerca da história do Brasil, expondo resultados relevantes para o campo de pesquisa em que se encontra, ressaltando como é importante fazer uma análise crítica e aprofundada das narrativas históricas em um contexto de digitalização das mídias e como essas são reflexos do passado recente do Brasil e trazem desdobramentos no presente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dirigido até o momento mostra como as redes sociais atuam em narrativas de amenização e esquecimento de violências, omissões e assassinatos cometidos durante o regime militar. Ao mitigar ou até mesmo negar a existência e os impactos sociais e políticos desse período, esses perfis contribuem para a distorção da memória coletiva e dificultam o acesso das vítimas à reparação, no passo que comprometem a capacidade de reflexão social sobre o passado.

A pesquisa denota que os discursos desses perfis, que omitem ou suavizam fatos históricos importantes, podem ser tidos como mecanismos de poder capazes de influenciar a opinião pública sobre estes. Essa reflexão sobre o papel cada vez maior da internet e das mídias digitais na propagação de informações, muitas vezes falsas ou distorcidas, sobre eventos históricos se faz crucial para a compreensão e problematização dessas práticas.

Portanto, ao evidenciar as estratégias de esquecimento e negação presentes no ambiente digital, este trabalho propõe que uma abordagem crítica e inteirada sobre a história seja divulgada, com o propósito de promover uma memória social justa e evidenciar a necessidade de uma lembrança viva sobre os acontecimentos da ditadura militar. Para uma conscientização sobre a importância de resgatar memórias que sofrem tentativas de apagamento e minimização, bem como combater essas distorções da história que se fazem cada vez mais presentes nas mídias digitais brasileiras.

REFERÊNCIAS

BAUER, Caroline. **Vozes do negacionismo e a história da ditadura militar nas redes sociais digitais**. In: BRAGA, Lucas; BAUER, Caroline; ALMEIDA, Paulo César Gomes de (Orgs.). Dossiê 7: Negacionismos e usos do passado. Porto

MENESES, Sônia (2012). **A mídia, a memória e a história: a escrita do novo acontecimento histórico no tempo presente**. Anos 90, 19(36), 35-65.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Novos combates pela história: Desafios**. São Paulo: Contexto, 2021. pp. 85-111.

SILVA, Danilo Enrico. **Vozes sobre Bolsonaro: esquerda e direita em disputa no YouTube**. In: PEREIRA, Mateus Henrique de Farias; ARAUJO, Valdei (Orgs.). Vozes sobre Bolsonaro: política, cultura e extrema-direita no Brasil. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber. **Negacionismo: História, historiografia e perspectivas de pesquisa**. Revista Brasileira de História, v. 41, n. 87, p. 13-36, maio/ago. 2021.